

MODESTO, Luiz Sergio; DOLHNIKOFF, Luis; TÁPIA, Marcelo; MENEZES, Philadelpho - Entrevistadores. 2005. Entrevista com Pedro Xisto. Em *MnemoZine - Revista de Literatura*. Viva Pedro Xisto, visto e revisto. Marcelo Tápia. Personagem. Artigo. Revista on-line. N. 02. Julho, 2005. Em 17/07/05. São Paulo: <<http://www.cronopios.com.br/mnemozine/>>.

Entrevista com Pedro Xisto

O que se segue é um extrato de uma conversa, com cerca de 1 hora de duração, ocorrida em 1986, em uma casa de repouso em que Pedro Xisto se encontrava internado. Sua saúde — agravada havia algum tempo, após uma cirurgia — exigia cuidados especiais. Mesmo com lapsos de memória, pôde dar-nos um pouco de sua visão das coisas, marcada, nesses seus últimos tempos, por um despojamento quanto a regras e referências, por um desprender-se de certos valores — um reflexo, talvez, de uma visão de mundo com a qual tinha familiaridade, como registra seu poema "zen". Surpreendentemente, revela um desprendimento, até, acerca de questões como a definição de poesia, talvez buscando não encerrar algo que lhe parecia transcendente a nossos esforços. Participaram do encontro os poetas Luis Dolhnikoff, Luiz Sergio Modesto, Marcelo Tápia e Philadelpho Menezes.

Como você vê sua obra, hoje?

Na minha consciência, fiz muito pouco. Fiz o que pude. Há, claro, mais escrito do que publicado... Mas o interesse maior não é em mim mas em vocês, que têm muito por fazer.

Fale de sua aproximação com a cultura oriental.

Meu contato com a cultura oriental não merece grande referência. Ela é, paradoxalmente, uma cultura para a qual não estou, nem nunca estive preparado linguisticamente.

Meu interesse é pelo esforço físico de constituir um trabalho próprio considerando as fontes que considero importantes - a cultura oriental merece de todos nós toda a atenção.

Esforço físico?

Sim. Sem compensações materiais. É muito difícil justificar materialmente certos esforços cuja maior justificação está exatamente no desinteresse material, numa espécie de jogo aberto sobre o universo.

Se queremos nos profissionalizar, é preciso o esforço comprovado e, não, o sucesso comprovado.

No meu caso, trata-se de uma espécie de paixão, pouco compreendida e, muito menos, aceita, mas que move minha consciência a persistir nesse esforço desinteressado.

O objetivo não é fazer meia dúzia de obras-primas; é fazer sinceramente, naturalmente, como quem está procurando acertar. Isso é digno, o esforço. Faço o melhor dos meus esforços.

É preciso conhecer diversas línguas para fazer poesia?

A pessoa pode trabalhar apenas a sua própria língua. E a poesia também é uma língua, no sentido de ser, existir linguisticamente.

A poesia é uma questão de consciência até certo ponto. É uma questão de leitura até certo ponto. Creio que até um analfabeto pode descobrir sua veia poética.

O que é poesia?

Alguém diz: até aqui é poesia, a partir daqui não é mais poesia... É preciso que seja, sempre...

A poesia é uma arte como outra qualquer...

Quais são os critérios positivos para exaltar, ou condenar alguém, só porque esse alguém não pensa segundo os moldes que seriam as fontes? Por que uma poesia merece o nome de poesia e outra não? Por que uma mulher é bonita e outra não? São falsas questões...

Devemos nos aproximar da poesia como se fosse uma mulher...

Mas toda compaixão é perigosa... E toda definição é perigosa...

Não tenho a pretensão de saber fazer poesia, nem de querer defini-la. Essa definição de que "toda definição é perigosa" é um meio mais simples de a gente abordar uma questão que não foi feita para ser discutida em relação à sua dificuldade, mas, sim, ser estudada em face de sua autenticidade.

A busca da síntese é essencial em poesia?

Essencial não, mas muito importante evidentemente é...

A poesia do poeta A é melhor que a do poeta B? Se se trata de um professor de linguística, por exemplo, é preciso julgá-lo por esse lado. Porém há muitos critérios, como a palavra certa no lugar certo — mas este é apenas um critério entre muitos, não é "o" critério. Ou a gente cairia num preciosismo desumano ou num simples jogo de palavras. Não quero cair em nenhum desses extremos...

Não me apresento, absolutamente, como poeta. Gostaria de fazer poesia,

procuro fazer poesia, mas não mostrando quais são os caminhos certos.

E o Caminho?

Nunca me aproveitei do *Caminho*, o título que você citou. É um caminho, penso, que tem um duplo sentido; a maioria não está preparada para ele...

Ele pode ser atirado ao mesmo tempo para dois alvos. E por que não? Afinal, a poesia é ou não é uma arte de libertação?

No meu caso, cada um que julgue...

Não se pode fugir disso: o melhor é assumir naturalmente, para não dizer corajosamente, esse duplo sentido que a poesia traz.

Todos os contatos humanos são aproximações, nada mais do que isso...

Todo homem inclui em si todos os homens...

Mas, voltando à questão da definição, não podemos definir a poesia de tal modo que alguém, não caindo naquele esquema, esteja arriscado a receber uma sentença, no sentido de continuação...

Toda comparação é perigosa. Vamos amar a poesia, vamos fazer o melhor possível, mas sem excluir as outras oportunidades. Senão fica um jogo de espelhos, a gente fica fazendo uma poesia querendo se rever...

Não acho que a definição seja a melhor coisa para a poesia. Faça poesia como souber, mas procure fazer o melhor possível.

A poesia é universal. Cada um de nós, em sua consciência, se

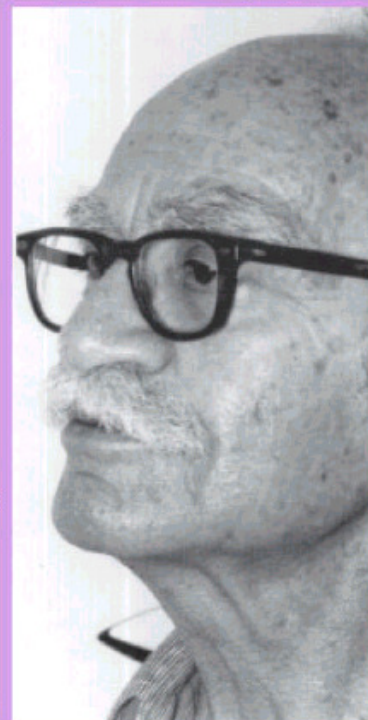


Foto: Pérola Wajnstejn

sente universal. É aí que o poeta e o filósofo se encontram... Pela própria natureza da poesia, ela é universal.

Faça poesia como puder... se souber...

Eu quero a liberdade do poeta. Mas não é a liberdade de fazer o que der na cabeça. E, também, fazer aquilo que os outros não fizeram ainda é uma falsa liberdade.

Qual a verdadeira liberdade poética?

Eu não sei. Creio que nenhum poeta deva ter essa finalidade. Isso não ajuda. Talvez a liberdade esteja em não se usar dela a não ser em casos extremos...

Definir a poesia... É como definir o amor. Você acha que ajuda?

Estamos correndo atrás de um objetivo que na realidade não existe. Não há necessidade de se definir a poesia para se fazer poesia.

Como você vê, hoje, seu poema "zen"?

É um dos poemas que, de certo modo, constituem uma aproximação aos poemas caligráficos. Eu o assinaria ainda hoje, sem dúvida, porque é um poema muito simples, é um dos poemas mais simples que jamais fiz; talvez por isso ele ainda seja discutido hoje, exatamente porque ele não tem maior pretensão.

É um achado, um constructo...

É isso, mas também é outra coisa. A poesia não é necessariamente um achado. A poesia é e deve ser um esforço contínuo, não um jogo, como a gente ganhar na loteria... Às vezes acontece isso...

Você mencionou, certa vez, a relação entre esse poema e a construção do templo zen...

Creio que foi um momento feliz. Seria um poema feliz. Digo na condicional porque é possível descobrir partes infelizes nessa construção. Há um certo geometrismo neste poema; seria um dos pontos ao mesmo tempo fortes e fracos do poema.

Por que fracos?

Porque não pode ser discutido com facilidade. As grandes formas...

essa simplicidade extrema, a meu ver, seria uma das muitas formas eventuais do poema.

Nunca disse que eu tenha achado essa jóia desconhecida do poema igualmente fácil e difícil...

A questão não está no fácil e no difícil. Estamos fartos de poetas difíceis. O que acho que vale a pena em nosso esforço é procurar algo que seja — se é que é possível — ao mesmo tempo fácil e difícil.

Mas toda discussão tende a julgar por um critério, que exclui os outros critérios. Acho que o homem merece mais...

Marcelo Tápia é poeta e editor (Editora Olavobrás), autor de: *Primitivo* (poesia, 1982); *O bagatelista* (poesia, 1985); *Rótulo* (poesia, 1990); *Livro aberto* (conto experimental, 1992); *Pedra Volátil* (poesia, 1996). Publicou, como tradutor, entre outros, *A forja — alguma poesia irlandesa contemporânea* (2003), e *Haikais do tempo / Tankas e haikais da lua* (1988 / 1997).